

N., M. Campinas, pioneira do cinema.
Campinas, 14 mar.1965. (Comentando)

Jornal de Domingo,

14-3-65

Comentando
Campinas, Pioneira do Cinema
Jornal de Campinas M. N.

Contamos, numa das nossas crônicas da semana passada, a odisséia dos irmãos Eugênio e Antonio Ferreira de Camargo, dois campineiros de fibra, pioneiros na exploração do petróleo em nosso Estado, gloria que é, erroneamente, atribuída a outras pessoas, que somente anos depois realizaram pesquisas em S. Pedro. Pretendemos hoje divulgar alguns dados interessantes para a história movimentada do cinema brasileiro. Porque, entre os desbravadores e pioneiros do nosso cinema, esteve presente, ocupando e desempenhando papel relevante, uma pleiade de conterrâneos nossos, produzindo films e estabelecendo entre nós as bases de uma verdadeira indústria cinematográfica.

Campinas, depois de S. Paulo, foi a primeira cidade do Estado que fez cinema, com o aparecimento, em 1927, da Phenix Filmes, produtora de um único film, o "João da Mata", cuja copia em 16 milímetros está guardada na Fílmoteca do Museu de Arte, Viviamos, então, em plena era do cinema mudo, quando o próprio cinema americano enfrentava serias deficiências técnicas. Não obstante a pobreza do seu orçamento e os problemas que surgirão com o precário material alugado, "João da Mata" alcançou sucesso, merecendo da crítica carioca elogios entusiásticos. A filmagem exigia sacrifício geral. Tudo improvisado. Os cenários, armados ao ar livre, ofereciam pouca segurança, ameaçando desabar constantemente pela pressão do vento. Os refletores (espelhos voltados para o sol) judiavam terrivelmente dos artistas, ofuscando-lhes a vista. Ninguém ganhava. Idealismo. No duro. O almoço dos "astros" e "estrelas" era na base do sanduiche de mortadela. Imprevistos surgiam a todo instante. Numa das filmagens bateu um pé de vento que arrancou metade dos bigodes postiços do velho Lazaro, personagem vivido pelo saudoso Moacir dos Santos.

O film foi concluído depois de muitas peripecias. Uma de suas cenas de maior emoção era a de um atropelamento, quando Plinio Porto — hoje um prospero negociante na capital — quasi morre sob as rodas de um "fordeco bigode". Uma cena que hoje seria motivo para boas gargalhadas.

O argumento do film, extraído de um romance de Amílcar Alves abordou um tema hoje atualissimo. É a história de um camponês expropriado do seu sitio por um latifundiário feroz e impiedoso e que ao deixar a terra que lhe pertence leva consigo o firme propósito de voltar um dia para reaver a e reajustar contas. E o faz. Sua luta final com o "coronel" eletrizou as plateias daquele tempo. Um film bem brasileiro — "respirando de ponta a ponta um cheiro forte de terra" — na expressão do crítico Carlos Ortiz — eis uma síntese de "João da Mata", que marcou o início do surto do cinema, na Campinas provinciana de 1923. Há outras coisas interessantes para contar. É o que faremos na próxima crônica.

Braulio